



nº 13 - dezembro de 2014

**Revisitando *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva:
rememorar é preciso**

*Darlan Roberto dos Santos**

RESUMO

O presente artigo apresenta-se como uma revisitação do livro *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva. A intenção é discutir aspectos da obra, em sua construção, através das memórias do autor, da infância e adolescência vividas nos anos 1970. Além disso, apontam-se características que garantem o amplo espectro de leitores e entusiastas desta autobiografia.

PALAVRAS-CHAVE: *Feliz ano velho*; Autobiografia; Literatura pós-ditatorial

ABSTRACT

This article is a revisitation of the book *Feliz Ano Velho*, by Marcelo Rubens Paiva. The intention is to discuss aspects of the work in its construction, through the memories of the author's childhood and adolescence in the 70s. Moreover, it points to features that ensure the broad spectrum of readers and enthusiasts of this autobiography.

KEYWORDS: *Feliz ano velho*; Autobiography; Postdictatorial literature

* Pós-doutor em Letras. Doutor em Literatura Comparada (UFMG). Professor da Faculdade Santa Rita – FaSaR. Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, Brasil. fenixdr@gmail.com

Introdução

Em suas considerações sobre a literatura, Jacques Derrida sinaliza com o que pode ser considerada uma qualidade prodigiosa de *Feliz Ano Velho*, autobiografia de Marcelo Rubens Paiva: a capacidade de se renovar diante do público, evitando tornar-se um livro datado, libertando-se de seu contexto original e adquirindo longevidade. A esse respeito, Derrida considera que

Para que um escrito seja um escrito, é preciso que continue a "agir" e que seja legível mesmo se aquele que se chama o autor do escrito não mais endosse o que escreveu, o que pareça haver assinado, que esteja provisoriamente ausente, que esteja morto ou que, em geral, não o tenha apoiado por sua intenção ou atenção absolutamente atual e presente, com a plenitude de seu querer dizer, ou mesmo que tenha sido escrito "em seu nome" (1991, p.342).

A visão de Derrida vai ao encontro do que *Feliz Ano Velho* representa para a literatura brasileira, desde 1982, ano de seu lançamento. Confessadamente de fácil leitura, explicitamente coloquial em seu estilo, a obra, na qual o então jovem, de 22 anos, rememora fatos ocorridos no período ditatorial, tem se mantido popular e atraente às novas gerações, mesmo tendo sido lançada há exatos 32 anos, ainda na “efervescência” da redemocratização do Brasil. Desde então, o relato de Marcelo Rubens Paiva também tem sido objeto de pesquisas acadêmicas, sob a ótica dos Estudos Culturais, biográficos e como documento alusivo aos “anos de chumbo”. Tudo isso, talvez, pelas múltiplas leituras que a obra – na qual o autor evidencia o desaparecimento de seu pai, o deputado Rubens Paiva, ferrenho opositor ao regime militar – admite e por funcionar como um meio de acesso à parte da vivência cultural e política do país nos anos 1970.

Para o autor, o livro tem importância crucial: além de marcar sua estreia na literatura, funciona como um “rito de passagem” para uma nova etapa da vida, marcada não somente pelo fim da ditadura, mas, especialmente, pontuada pela fatalidade. No dia 14 de dezembro de 1979 o rapaz ficara paraplégico, em decorrência de um salto de cabeça em uma lagoa.

É com base nesse contexto, descortinado na obra, que se propõe, neste artigo, a abordagem de *Feliz Ano Velho*. A intenção é revisitar o livro de Marcelo Rubens Paiva, enfatizando seu teor memorialístico, de resgate da história familiar, infância e

adolescência do autor, vividas em pleno regime militar, além de se debater características que garantem o amplo espectro de leitores e entusiastas desta autobiografia.

1 Lembranças dos anos 70: adaptando-se a um “novo corpo”

De acordo com a teoria psicanalítica, o passado não se esquece, fica no inconsciente. Para Freud, o tempo pretérito deve ser examinado a partir da infância. Neste sentido, a recordação que se descreve primeiro é fundamental, podendo encerrar em si a chave dos compartimentos secretos da vida anímica do paciente.

No caso da expressão artística – considerando, aí, a literatura – Freud aventa a hipótese de procurar, nos tempos de criança, traços da atividade imaginativa do artista. Estes podem ser encontrados nas atividades prediletas do infante, que são os jogos e o brinqueado. Ao tornar-se adulto, o homem elegerá um substituto para as ações lúdicas. Em se tratando de um escritor, o teórico esclarece que “a obra literária como o devaneio é um substituto do brincar infantil” (FREUD, 1996, p. 426).

Em sua autobiografia, Marcelo Rubens Paiva recorre às lembranças da infância diversas vezes. A primeira recordação remete à sua origem de garoto de classe média, “burguês”, como ele mesmo define, não sem um traço de jocosidade:

Nunca tive que trabalhar. Meu berço não era de ouro, mas era um berço. Só aos dez anos peguei no batente, no Rio de Janeiro. Fora eleito presidente do Vasquinho. Era um cargo glorioso, mas tinha que pôr dinheiro em caixa. Varria quintais e ganhava Cr\$ 5,00. Em outras palavras, cinquenta chicletes (PAIVA, 1983, p.13).

Após narrar o acidente sofrido, no capítulo inaugural de *Feliz Ano Velho*, Marcelo Rubens Paiva remonta à sua infância, indicando-nos que uma de suas intenções é oferecer ao leitor subsídios que permitam entender como e por que o autor transformou-se no que é no presente.

As primeiras lembranças ou, pelo menos, as que o autobiógrafo seleciona para trazer a público, são artifícios recorrentes nos relatos memorialísticos, tais como pistas que o escritor se encarrega de deixar para seus leitores, auxiliando-os no desvendamento da *persona* que se doa através da escrita. A esse respeito – da tentativa dos memorialistas de definirem sua identidade singular, a partir da infância – Philippe Lejeune considera que “é muito mais verossímil, e bastante frequente, começar pelo que

está na origem, senão da vida, pelo menos da consciência: as primeiras lembranças” (2008, p. 312).

Luis Costa Lima reforça a importância das memórias pueris: “para conhecer-se um homem além da maturidade, é preciso aprender a vê-lo na infância” (1985, p. 284). Segundo o teórico, essa relação de causalidade (entre o indivíduo já adulto e a criança que foi no passado) faz parte do horizonte de expectativas do gênero autobiográfico. Costa Lima reitera que

[...] a maioria dos leitores virá a esperar que o autobiografado mostre o seu eu em uma linha de férrea coerência, onde mesmo a hesitação ou o contraditório das motivações encontre sua causalidade na distância dos primeiros anos (1985, p. 284).

Entretanto, o relato de infância confronta-se com questionamentos, que colocam em xeque sua eficiência, tal como arcabouço do adulto: a incapacidade da memória em reconstituir as lembranças infantis, além da provável intervenção da imaginação na reconstituição de recordações, e a artificialidade que marca a coerência do discurso sobre as origens (elaborado a partir do presente) (LEJEUNE, 2008).

Os argumentos expostos nos levam a crer que, embora ainda haja espaço no gênero autobiográfico para a tradicional interpretação de que a infância representa a fonte de identidade do adulto, este paradigma é suscetível a suspeitas. Como reitera Jovita Noronha, “a infância seria antes um material cuja plasticidade permite ao eu que a observa e representa dar-lhe sucessivamente diferentes formas, remoldando-a segundo suas necessidades e sentimentos do momento e seu projeto futuro” (2003, p. 25).

No resgate de seus primórdios, Marcelo opta por apresentar, paralelamente, fatos de sua infância e de sua história familiar. Dos relatos de criança, um dos mais marcantes é, sem dúvida, o que se refere à morte de um tio, que coloca como fundamental na maturação de sua personalidade:

Ele estava com câncer no cérebro, mas me diziam que estava apenas doente. Eu pensava que estivesse com uma gripe forte, um resfriado ou com tosse, pensava que ele ia ficar bom logo e nem me importava com o fato de ele ter ido aos Estados Unidos fazer uma operação, de voltar careca, com uma cicatriz enorme na cabeça, de aos poucos ir perdendo a memória, os movimentos e, enfim, entrar em coma. [...] Nunca perdoei minha família por não dizer que o Tio Carlos ia morrer. Isso me fez sentir um medo tremendo da mentira... (PAIVA, 1983, p. 21-22).

Já a alusão à sua genealogia ocorre nas primeiras páginas do livro: “de um lado, sou neto de latifundiários; do outro, comerciante italiano da Rua Santa Rosa. Filho de engenheiro e advogada...” (PAIVA, 1983, p. 13). Ressaltar suas origens é um subterfúgio que coloca o autor em uma posição delicada, de comprometimento com toda uma cadeia de gerações. Conforme Noronha:

Esse procedimento clássico da autobiografia ocidental (do encadeamento de gerações, efetivado pelo autobiografado) tem também como objetivo a inserção do eu em um contexto narrativo que o antecede e que ele continua, como se fosse um *roman à chaîne*, em que cada geração, a partir da interpretação das anteriores, acrescentasse mais um capítulo na história comum a todos, levando-os à frente de modo inventivo (2003, p. 54).

Certamente, uma das figuras familiares adotada como paradigma por Marcelo é a de seu pai. Além de tê-lo como modelo, havia, por parte do jovem, a preocupação de receber a aprovação de Rubens Paiva: “mas de uma coisa tenho certeza: ele se orgulhava de mim [...] ele se orgulhava de seu filho macho” (PAIVA, 1983, p. 57).

Entretanto, com o desaparecimento do ex-deputado, Marcelo ressentia-se, e é a partir daí que a revolta passa a fazer parte de sua personalidade. O lamento, expresso no texto autobiográfico, nos permite deduzir que o rapaz não apenas sofre com a perda do pai, como também se sente perdido, sem sua principal referência:

Meu pai me ensinou a andar a cavalo.
Meu pai me ensinou a nadar.
Me incentivou a ser moleque de rua.
Me ensinou a guiar avião (tinha um na firma dele e, depois de decolar, eu pegava no *manche* e ia mirando até São Paulo).
Mas meu pai não pôde me ensinar mais (PAIVA, 1983, p. 60).

Com a ausência do pai, identificamos, na trajetória de Marcelo, expressa no livro, a mudança de rumos em sua maneira de encarar a vida. O que irá diferenciar o garoto, da maioria dos meninos de classe média, típica dos anos 1970, é o estado de arrebatamento, a indignação, especialmente para com o sistema político-social brasileiro, que, sob seu prisma, foi o grande responsável pela reviravolta sofrida em família e pela perda de sua principal referência.

Ademais, outras ausências são reveladas por Marcelo, como a do tio e de outros familiares. Estas parecem ser justificativas do autor, no trabalho de construção de sua *persona*:

Eu nunca tinha tido contato com a morte na minha vida até os doze anos. De repente, morreu meu pai, o pai do Ricardo (meu tio), uma prima, outro tio, outro tio, meu avô, meu outro avô. Tudo isso em dois anos. Foi um choque, pois, encarando-me como uma criança, nunca me contaram direito a verdade (PAIVA, 1983, p. 21).

Diante de tantas privações, preponderantemente de figuras masculinas, a rebeldia parece acentuar-se em Marcelo Rubens Paiva. Por meio dos fatos rememorados, o rapaz revela um denodo que tem múltiplos alvos: a sociedade, o *status quo* e ele próprio, que se transmuta em uma personagem, híbrido de vítima e réu. Os atos de insubordinação, expressos na autobiografia, servem para ilustrar o que o próprio escritor admite: o seu caráter aventureiro e, ao mesmo tempo imprudente:

Sempre escolho aquilo que possa trazer experiências novas, apesar do perigo. [...] Na minha vida, nunca andei no lado certo, infelizmente, e acho que é meio por isso que estou assim. Sempre me atirei de cabeça nas coisas, nunca achando que algo de mau fosse acontecer. Sempre me achei forte o suficiente para arcar com as consequências. Nunca tive medo de polícia, muito menos de bandido. [...] Mas agora estou morrendo de medo do que possa acontecer (PAIVA, 1983, p. 198).

O sofrimento exposto no relato memorialístico, a pretensa sinceridade com que manifesta suas fraquezas e a intenção vislumbrada no texto, de fazer da experiência vivida a base para a maturação de sua personalidade, são os recursos observados na obra, na qual a história pessoal de Marcelo emociona e instiga os leitores a refletirem não somente sobre sua tragédia particular, mas também, acerca do momento político-social do país, findado no limiar dos anos 1970.

O Brasil, assim como Marcelo, precisa reaprender a lidar com seu próprio “corpo”, após um grande abalo. A ditadura militar, de maneira similar ao salto empreendido pelo jovem na lagoa, paralisara o país, impedindo seus movimentos mais primordiais, tolhendo sua liberdade. Assim, em meio à narrativa de seu dramático processo de recuperação, o escritor parece enfatizar que nosso país também passa por uma redescoberta de si mesmo, com todos os desafios e perspectivas que a nova situação permite vislumbrar:

O movimento operário estava explodindo. A greve de 79 foi vitoriosa, até fez com que o Governo fizesse um decreto de aumento salarial de 20% para todo o país. Mas a maior vitória mesmo foi a reorganização dos sindicatos, principalmente no ABC, e, de uma certa maneira, a politização dos operários. Sofri o acidente e, ao lado do Hospital

Paraíso, no Colégio Sion, foi feito o encontro de fundação do Partido dos Trabalhadores (PAIVA, 1984, p. 143).

Analogamente ao país que se reorganiza politicamente, após uma paralisia de quase duas décadas, deflagrada pelo golpe de 1964, Marcelo Rubens Paiva luta para superar as limitações impostas pelo acidente. Ao abordar as duas jornadas, concomitantemente, é como se o autobiógrafo demonstrasse o compasso entre vida particular e história nacional, que, afinal, compõem os dois eixos centrais de *Feliz Ano Velho*. Focalizando o tema da reabilitação, o escritor permite que esses dois matizes se cruzem, conferindo, assim, coesão à narrativa, e garantindo a empatia, a compaixão e a torcida dos leitores, por uma situação melhor – para Marcelo Rubens Paiva e para o Brasil.

2 Desvendando a autobiografia de Marcelo Rubens Paiva

O livro *Feliz Ano Velho* permaneceu mais de 80 semanas na lista dos mais vendidos, a partir de dezembro de 1982, quando foi lançado. Já foi traduzido para diversas línguas, entre elas, inglês, espanhol e japonês. No Brasil, ultrapassa 80 reedições, deu origem a uma peça teatral e a um filme. Atualmente, passadas mais de três décadas de seu lançamento, a autobiografia de Marcelo Rubens Paiva continua atraindo a atenção de leitores, até mesmo das novas gerações, imersas no mundo virtual da Internet.

No *Orkut* – pioneira rede de relacionamentos e fóruns *online*, extinta em 2014 – foram criadas comunidades tendo o livro como mote e angariando milhares de “associados”. Já no *Facebook*, uma das mídias sociais em atividade mais populares, a página dedicada à obra conta com mais de 1.100 “curtidas” – muitas delas, de jovens que nem eram nascidos quando se desenrolaram os fatos relatados pelo autor. Tal panorama demonstra que o livro, mesmo sendo considerado de fácil leitura (ou talvez, justamente por isso), ainda reverbera junto à sociedade, não tendo se tornado uma obra datada.

Ao discorrer sobre seu livro, Marcelo Rubens Paiva, a exemplo de outros autobiógrafos, revela que *Feliz Ano Velho* funcionou como “uma carta de apresentações, tipo, sou assim, era assim, fiquei diferente, conheça-me, não me olhe

desse jeito”¹. A ilusão do autoconhecimento parece ser inerente ao memorialista, embora, alguns autores, como Michel Leiris, admitam que a autoanálise proporcionada pela escrita opera muito mais como uma *tentativa* do que, propriamente, um tratado conclusivo de si mesmo. No capítulo inaugural de *A Idade Viril*, Leiris aborda a questão:

Entre tantos romances autobiográficos, diários íntimos, lembranças, confissões, que de uns anos para cá conhecem uma voga tão extraordinária (como se, da obra literária, fosse negligenciado o que é *criação* para considerá-la tão-somente do ângulo da *expressão*, observando-se, em vez do objeto fabricado, o homem que se oculta – ou se mostra – por trás), *A idade viril* vem portanto ocupar seu lugar, sem que seu autor queira vangloriar-se de algo mais do que ter tentado falar de si mesmo com o máximo de lucidez e sinceridade (2003, p. 16).

A crença na eficácia da escrita como instrumento preciso da sondagem do “eu” parece persistir na contemporaneidade tal como uma reminiscência de uma era passada, já que, como observa Peter Gay,

[...] até o advento da psicanálise, no fim da década de 1890, as autobiografias eram os melhores instrumentos de sondagem da vida introspectiva de que dispunham os vitorianos. Naturalmente, a autobiografia é uma forma antiga de autodefinição (1999, p. 119).

Entretanto, embora se mantenha como uma preciosa fonte de informações a respeito de seu autor, a autobiografia já não representa um paradigma, quando se trata de penetrar na vida interior. A desconfiança, instaurada, em grande parte, pelos estudos psicanalíticos de Freud, faz com que pesquisadores e apreciadores do gênero memorialístico adotem a cautela diante de um relato de si, levando em consideração não somente o que se apresenta em forma de texto. O não dito, os interstícios, também se tornam fundamentais nessa busca de uma verdade íntima. Gisèle Mathieu-Castellani esclarece que

[...] com o nascimento e a expansão da psicanálise ou das psicanálises, a autobiografia entrou na era da suspeita, ela foi questionada e acusada. A psicanálise, o seu procedimento, que é levado pela

¹ O trecho faz parte de entrevista concedida a mim, pelo autor, em 2006, por ocasião da conclusão de minha Dissertação de Mestrado, intitulada *Autobiografia e julgamento em Feliz Ano Velho, de Marcelo Rubens Paiva*. A entrevista, na íntegra, encontra-se como anexo da Dissertação. Ver mais em: http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp012715.pdf

desconfiança em relação às estratégias discursivas, não deixou de colocar em dúvida a possibilidade de dizer “ingenuamente” a verdade sobre si, sem outra precaução, e passou até a contestar a pertinência do protocolo autobiográfico e de seu discurso, do qual ela problematiza os enunciados assertivos, preocupada em encontrar o não dito, de trazer à luz as resistências, de desvendar as íntimas contradições (1996, p. 204).

Suspeitar da legitimidade das autobiografias equivale a abolir qualquer olhar ingênuo sobre o gênero, adotando, em contrapartida, a noção de que os relatos de si representam, muito mais que uma verdade irrefutável, um testemunho pessoal, que opera na ordem da cogitação e não da certeza.

Diante do domínio do autobiógrafo sobre seu texto, acreditamos que deva imperar, junto aos leitores, a noção de que o relato pessoal não é somente um registro fiel, mas também, uma ficção, podendo adquirir diferentes níveis de fingimento, intencional ou não. Um autor nunca coloca em sua obra o decorrido puro e simples; ele joga com seu passado, subverte-o, chega até a mascarar-lo, filtrando-o de acordo com a sua subjetividade, com o seu momento atual.

Realidade e ficção misturam-se nas autobiografias e, como leitores, a única certeza que temos é a de que o escritor teve a liberdade de elaborar como bem quisesse a sua história. Não se trata de mentira ou embuste; afinal, a memória tem suas próprias regras, comporta labirintos, onde, na maioria das vezes, estão impressas apenas interpretações de fatos ocorridos e sentimentos experimentados.

No caso de Paiva, a escrita de si é influenciada pelos acontecimentos trágicos – da perda do pai e do acidente que lhe causara a perda definitiva do movimento das pernas. Trata-se de um relato genuinamente “jovem”, com todas as implicações que isso pode trazer: o vocabulário repleto de gírias e palavrões, a irreverência, o furor do rapaz que, recém-saído da adolescência, tem de lidar com a sexualidade aflorada, a ira despertada pela ausência forçada do pai, e o sentimento de cerceamento, fruto de um contexto social e político que, até bem pouco tempo, primava pela falta de liberdade.

Diante de uma obra tão peculiar, podemos questionar os porquês de sua longevidade no mercado editorial, do expressivo número de leitores e da pertinência em debatê-la, passados tantos anos de seu lançamento. O próprio autor confessa não ter uma explicação exata para a comoção gerada por *Feliz Ano Velho*:

Há uns anos, eu estava num corredor do Congresso, em Brasília, e fui parado por Ulysses Guimarães, deputado símbolo da redemocratização. Ele veio correndo, como um garoto, pegar meu

autógrafo. Disse que *Feliz Ano Velho* era um dos seus livros de cabeceira.

Xuxa já disse, numa entrevista, que meu livro era um dos seus favoritos. Antônio Houaiss e Thiago de Mello já me escreveram cartas elogiando o livro. Recentemente, Carla Perez, a nova musa brasileira, elegeu *Feliz Ano Velho* como seu livro preferido – e ela tinha cinco anos quando foi publicado pela primeira vez. Não sei qual é o segredo para agradar loiras e troianos (PAIVA, 1983)².

Na declaração do autor, encontramos indícios que podem nos levar a possíveis respostas para o sucesso de *Feliz Ano Velho*. Os leitores e admiradores da obra parecem dividir-se em duas frentes: uma delas, composta pelo público médio – jovem, em sua maioria – que se identifica com os problemas da personagem, suas hesitações diante da vida, faculdade, religiosidade, família... Pessoas que se comovem com o drama do rapaz, que se divertem com os episódios de sua adolescência, vivida nos anos 1970, suas conquistas amorosas e sexuais, narradas sempre com riqueza de detalhes.

Não obstante, há, também, leitores que encontram no livro fulgurações do que foi o período ditatorial no Brasil; estes compõem a parcela da recepção mais interessada no viés testemunhal da autobiografia, nas referências familiares de Marcelo Rubens Paiva, em seu emocionado ataque ao totalitarismo e à repressão. Em ambos os casos, a sinceridade cortante que o autor consegue imprimir à autobiografia parece capaz de se sobrepor a possíveis “deficiências ou fragilidades” literárias.

Tal análise nos remete ao provável “horizonte de expectativas”³ a que se submetia a obra. Certamente, quando já se vislumbrava, no Brasil, a abertura política, havia, no país, o anseio pela literatura de testemunho. Uma literatura que pudesse, talvez, suprir a falta de informações sobre o período recente de nossa história, restrito aos arquivos secretos do regime militar, mas vivo na memória de quem viveu (e sobreviveu) ao horror da ditadura.

Como filho de um desaparecido político, Paiva prestou-se a esse papel – de registro da época – de modo peculiar: não como protagonista da perseguição política, mas, como coadjuvante, que acompanhou o drama de seus pais e apresentou, em sua autobiografia, um olhar a respeito do tema, mesclando-o a outro tópico controverso: a vivência da adolescência e da juventude durante os anos de totalitarismo. Desse amálgama, potencializado pelos dramas particulares do autor, nasceu *Feliz Ano Velho*.

² Comentário feito por Marcelo Rubens Paiva, na contracapa da 15ª edição de *Feliz Ano Velho*.

³ Conceito elaborado por Hans Robert Jauss, que se refere ao “conjunto de convenções que constituem a competência de um leitor (ou de uma classe de leitores) num dado momento; o sistema de normas que define uma geração histórica”. Ver mais em: COMPAGNON, *O demônio da teoria; literatura e senso comum*.

Considerações Finais

Feliz Ano Velho é mesmo um livro intrigante. Apesar de ser comumente classificada como “literatura juvenil”, a obra não desperta somente a atenção de jovens. Conforme assinalamos neste artigo, a autobiografia de Marcelo Rubens Paiva angariou, ao longo das últimas décadas, um público estratificado, do qual também fazem parte intelectuais, artistas e políticos.

O estilo despojado, adotado no texto, não nos parece, de forma alguma, um mero reflexo das deficiências literárias do autor – um inexperiente escritor, de apenas 22 anos. O que verificamos, ao contrário, é que a linguagem essencialmente coloquial opera de maneira positiva, em favor da proposta literária ali presente, imprimindo legitimidade ao livro, tal como registro de uma época e relato sincero de Paiva. Conforme apontamos, não se trata de acatarmos a autobiografia como verdade irrefutável, e, sim, encontrar, no relato pessoal, um subsídio a mais, a fim de unir fragmentos que nos possibilitem compreender o que se passou em nossa história recente.

Afora as memórias de uma época controversa, a pluralidade do autobiógrafo faz-se presente em sua tentativa de superar os traumas vividos e lidar com vastos sentimentos, como culpa, arrependimento, medo e revolta. A tragédia pessoal e a indignação perante o regime de exceção emergem indissociadas em *Feliz Ano Velho*. Marcelo Rubens Paiva traz a lume o ressentimento em relação à perda do pai, elegendo, como responsável pelo drama familiar, o regime ditatorial. É quando o autor parece buscar um “acerto de contas” com os anos de chumbo.

Em nossa breve análise, ressaltando esse duplo viés do livro, procuramos reforçar a ideia de que ele se mantém atual, ao mesmo tempo em que apresenta valor histórico, não apenas devido a sua fácil leitura e à empatia gerada junto aos jovens. A autobiografia em questão também encerra um cunho documental, de registro de uma era, ainda que, conforme frisamos, a escrita memorialística não tenha compromisso com a fidedignidade dos fatos – é, afinal, *construída*, com base no apanhado de *impressões e sentimentos* do autobiógrafo; sua expressão acerca dos fatos e da época vivida. Mesmo que isso não garanta o acesso a uma realidade ou “verdade absoluta”, permite-nos, outrossim, considerar a escrita de si como um meio de acessarmos parte da vivência cultural e política do Brasil nos anos 1970.

Recentemente – mais precisamente, em dois de agosto de 2014 –, Marcelo Rubens Paiva retomou algumas das dolorosas lembranças, expressas em sua obra. Durante bate-papo na Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP), o escritor falou sobre a morte do pai, Rubens Paiva. Marcelo chorou ao ler um texto sobre o sofrimento da mãe e da família, pela incerteza do paradeiro do deputado, cujo corpo continua desaparecido. Aplaudido de pé, o autor ressaltou a necessidade de se manter viva, em nosso país, a memória acerca do nefasto período ditatorial, além de se buscar, de todas as formas possíveis, esclarecimentos sobre tal época. Eis, pois, argumentos que sintetizam a pertinência da leitura, ainda hoje oportuna, de *Feliz Ano Velho*.

REFERÊNCIAS

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria; literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa; Antonio Magalhães. São Paulo: Papyrus, 1991.

FREUD, Sigmund. *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud. Vol. XI. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. Trad. Sergio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LEIRIS, Michel. *A idade viril*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008

LIMA, Luiz. Júbilos e misérias do pequeno eu. In: LIMA, Luiz. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985. p. 243-309

MATHIEU-CASTELLANI, Gisèle. *La scène judiciaire de l' 'autobiographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

NORONHA, Jovita M. G. *Uma vida em ato: A autobiografia intelectual de Patrick Chamoiseau*. Rio de Janeiro, 2003. 294 p. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2003.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz Ano Velho*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Data de submissão: 09/08/2014

Data de aprovação: 06/09/2014